

Nobel



## PRÊMIO À ECONOMIA COTIDIANA

O escocês Angus Deaton abriu caminho para a compreensão de como as pessoas decidem gastar e poupar o dinheiro

**S**e o governo decide aumentar o imposto sobre produtos e serviços, como reagem as pessoas? Deixam de comprar? Escolhem alternativas? Se as famílias passam a ganhar mais, seja por meio da renda do trabalho, seja através de programas assistenciais, o que acontece? Compreender o comportamento do indivíduo e o que o leva a gastar ou a poupar é fundamental na definição de políticas públicas que pretendam ser eficazes na redução da pobreza ou no aumento do bem-estar da população. A pesquisa aprofundada sobre esse fenômeno foi uma das contribuições inovadoras que levaram o escocês naturalizado americano Angus Deaton a ser premiado com o Nobel de Economia. Ele se notabilizou pela rara combinação entre o rigor característico nas pesquisas de economistas premiados e a preocupação com a relevância e a aplicação prática dos estudos.

O trabalho de Deaton, que completa 70 anos na segunda-feira, professor da Universidade Princeton, influenciou a forma como dados são analisados em diferentes países. Pesquisas de domicílios como as que existem no Brasil, feitas principalmente pelo IBGE, passaram a ser reconhecidas como essenciais para entender padrões de consumo e poupança de uma sociedade ao longo do tempo. O novo Nobel também se destacou pelo estudo da desigualdade e de outros temas sociais. Até a década de 80, o bem-estar e a pobreza de uma nação tinham como referência a renda da população. Aumentos de rendimento dos estratos mais



**VISÃO PRAGMÁTICA** Deaton influenciou políticas de redução de pobreza

pobres eram entendidos como fenômenos de redução da pobreza. Mas isso nem sempre correspondia à realidade, especialmente se o processo não fosse acompanhado de melhoria no acesso à educação ou à saúde. É por essa razão que Deaton critica a obsessão dos organismos multilaterais por métricas como a linha de pobreza. A propósito, o pesquisador não crê na eficácia dos programas de ajuda estrangeira aos países africanos. Segundo ele, esses benefícios retardam a construção de estados sustentáveis por si sós. O cres-

cimento econômico, e não a doação de remédios, reduz de fato a pobreza. Para o economista Marcelo Neri, do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getulio Vargas, ex-aluno de Deaton em Princeton, a principal contribuição de seu trabalho no Brasil está por vir: a importância de incentivar a poupança, em vez de estimular o consumo. “É um ensinamento que se mostra valioso para o país e as famílias brasileiras com o agravamento da crise e o aumento do desemprego”, diz Neri. ■

MARCELO SAKATE